

## De dentro pra fora

“Nada será como antes”. Foi o que todos, de leigos a especialistas, de vizinhos e tios distantes a jornalistas e médicos cansaram de dizer nos tempos de clausura. Diziam isso com tanta pesar, como se a realidade fosse tão obviamente boa, que mudá-la parecia uma loucura. Não sei se é a minha melancolia gritando alto ou o diagnóstico de síndrome do pânico que recebi meses antes da pandemia: mas eu não achava o mundo lá essas coisas fazia tempo. É engraçado pensar que eu já praticava a quarentena muito antes de qualquer vírus, pois algo, também invisível me assombrava: a falta... ou a possibilidade dela. O medo de faltar dinheiro, o medo de faltar tempo, o medo de a minha esposa me deixar, o medo de perder o emprego, o medo de um futuro filho, que nem nasceu, me rejeitar... E aí, todos esses medos de buracos que ainda nem existiam se transfiguravam e se fantasiavam de todos os tipos de receios: medo de andar na rua, medo de atender ao telefone, medo de me encontrar com velhos conhecidos, medo de ir trabalhar, medo de me relacionar, medo de me faltar o ar. E, então, a pandemia: a chegada de algo quase místico, por ser invisível, e ao mesmo tempo tão poderoso, por ter vontade própria e aleatória: tomar um sol na calçada, ir ao cinema ou visitar um amigo passou a ser fatal. Então, algo de estranho me ocorreu: em meio a tantas ameaças fantasiosas que me cercavam, essa ameaça real engoliu todas elas. Não que elas tenham desaparecido: mas minha mente, agora, estava dividida. A possibilidade da falta, passou a ser isso: possível. Então, tudo mudou: eu já não estava confinado porque tinha medo demais de ir à rua, mas porque sair envolvia um perigo real e era compartilhado com milhões de pessoas no mundo inteiro. Pode parecer loucura, mas de repente, o meu “ficar em casa” passou a ser o “novo normal”. E só agora eu reconheço os surpreendentes mistérios da mente humana, pois, foi quando, de repente, o meu isolamento - consequência dos meus medos e da depressão - passou a ser a orientação a todos que eu quase me esqueci da doença. É claro que ela não desapareceu, ainda estava lá, mas eu a interpretava de uma forma diferente e, agora, percebo com clareza, que só assim comecei a me curar. Não sem passar por altos e baixos, é claro, mas a minha tristeza passou a ser, pela primeira vez, em anos, como a tristeza dos que me cercam: com nome, cor e forma. Já fazia tanto tempo que eu sequer conseguia identificar o embolado de sensações que nublavam minha visão... Isso significa que chorei com os depoimentos de famílias que perderam seus entes queridos, que me enfureci com políticos

egoístas e inescrupulosos e senti, na pele, o medo, agora real, de perder meu emprego, de me ver sem dinheiro, sem recursos para me sustentar. Mas eram medos reais. Se você nunca chegou perto de uma doença como a minha, de certo vai achar tudo isso uma grande bobagem ou até me chamar de louco por preferir os medos reais aos imaginários, mas veja só: o medo real você combate com o real. Você cria soluções, você desvia, você sabe quanto mede, como chama, por quê existe, seus limites, pontos fortes e fracos. Contra os medos reais, temos chance. Já contra os medos imaginários, não muita. Isso porque a gente mal os vê, só sente. Não dá para defini-los, entendê-los, combatê-los com um bom argumento racional, do tipo “vai passar, vai ficar tudo bem” ou “perdeu o emprego? Vamos procurar outro!” ou “sua esposa te deixou? Vamos superar isso, conhecer um novo alguém, apaixonar-se novamente”. Não. Contra os medos imaginários não há argumentos. O que você argumentaria com o bicho-papão que se esconde embaixo de sua cama? Ele não vai a lugar algum, não importa o quanto você tente.

Enfim: o mundo estava de cabeça para baixo. E a cada tristeza real por um mundo ensandecido, uma tristeza imaginária abandonava o meu corpo: a realidade se tornou tão fantasmagórica e dilacerante, que não deixava espaço para mais nada. Resolvi que precisava fazer algo e comecei a ligar para alguns amigos da faculdade com quem não conversava há anos. Lembro-me de que compartilhávamos tantos sonhos e ideais que foram se perdendo com o tempo...Decidimos, então, criar um grupo em uma rede social para desabafarmos nossos desafios, encontrar alento uns com os outros. De repente, o grupo foi crescendo, amigos dos meus amigos indicaram mais pessoas e aquilo se transformou em um grande espaço de conversa e apoio. Parece bobo, mas eu, que há tempos não conseguia fazer absolutamente nada por mim mesmo, comecei a ser ouvinte e servir de apoio a tantas pessoas, com tantas dores e medos reais, muito mais reais que os meus medos mais realistas. Já estávamos, sei lá, no terceiro mês de isolamento, quando os participantes do grupo sugeriram um encontro virtual via videoconferência. Fiquei apavorado: lá estavam os medos imaginários de novo. A ideia de ter uma câmera a me expor a tantas pessoas parecia algo assustador: e se eu não conseguisse me expressar tão bem quanto virtualmente pela escrita? Inventei qualquer desculpa para não participar: não estava pronto para aquilo.

No final desse mesmo terceiro mês, veio a notícia derradeira: fui demitido. Não só eu, mas mais de cinquenta colegas de trabalho perderam suas vagas. A angústia era insuportável: como faríamos daqui pra frente? “Calma, vai ficar tudo bem. Eu seguro as pontas enquanto

isso!”, minha esposa tentou me acalmar. Um sorriso meio amarelo escapou de meus lábios quando pensei nas ironias da vida: há meses atrás, o medo de perder meu emprego era desproporcional à realidade. Nada indicava que isso aconteceria: era um medo irracional. Agora, encaro a realidade do desemprego, tão real e assustadora, mas que, bem lá no fundo, me diz algo importante: sobrevivi. O principal problema em relação aos medos imaginários e desproporcionais que eu tinha era que eles eram tão enormes e disformes que eu acreditava, piamente, que, caso concretizados, eu não sobreviveria. O medo era tão sufocante que, para mim, era óbvio que eu era fraco demais para enfrentá-los. Então, me vendo desempregado, me olhei no espelho e eu ainda estava ali: inteiro, com o coração em frangalhos, mas vivo. Então, algumas luzes no fim do túnel foram surgindo: minha esposa começou a me indicar como freelancer para alguns trabalhos de contabilidade e as coisas foram acontecendo. Claro que nem se comparava com a renda com a qual eu podia contar como funcionário, mas já dava para ajudar um pouco com as compras de casa. Tivemos que cortar mais da metade dos gastos e renegociar o aluguel e, com esses ajustes, conseguimos nos manter.

Então, os enjoos da minha esposa começaram: mal tínhamos nos recuperado do baque da demissão e mais essa. Achamos que ela estava doente e teria que ir ao tão temido hospital - lotado de pacientes com suspeitas de contaminação pelo vírus. Enfim, um desastre. Foi quando um estalo a acometeu e ela saiu de casa com pressa. Voltou com um teste de gravidez. Na hora, não sei qual ideia parecia mais assustadora: que ela estivesse grávida ou que tivesse que ir ao hospital por estar realmente doente. Ela estava grávida. Ela nem se comoveu com a minha falta de animosidade: a preocupação era de ambos. Mal estávamos dando conta de pagar as nossas contas, imagina com uma criança a caminho... Mas começamos a planejar, comunicamos à família e amigos que nos ajudaram nos enviando todo tipo de coisa: um berço que havia sido da filha de um primo, carrinho, objetos, fraldas, roupinhas, tudo o que precisaríamos para receber o neném. Foi aí que a ideia de ter um filho começou a gerar uma sensação diferente em mim e acho que nela também: começamos a ter esperança e a imaginar o pequeno chegando. Conversávamos sobre como ele ou ela seria, imaginávamos ele ou ela, ali, entre nós...

O tempo foi passando, os números da pandemia ficaram assustadores e nós começamos a sentir o medo real de que a doença nos atingisse ou a alguém querido. Parei de assistir ao noticiário e foi aí que comecei a escrever essa carta a você, meu filho. Queria que você soubesse, no futuro, tudo isso pelo que estávamos passando e, também, por tudo o que eu

passei. É uma forma de me conectar com você e, ao mesmo tempo, de me distanciar dos medos que me cercam em relação a esse serzinho que eu ainda não posso ver e nem saber como será. Acho que, de certa forma, também é uma carta à próxima geração, um apelo, um desabafo. Assistindo aos desmandos de governos corruptos, à falta de senso de coletividade das pessoas que nos cercam e um sistema de saúde em colapso, procurei dizer nessa carta o quanto é importante estarmos atentos, não deixar que a vida passe por nós despercebida, para que você e sua geração não repitam os nossos erros, que não caiam na cilada da velocidade, da aceleração: é preciso chegar tão rápido assim a qualquer lugar? Tão rápido que nos esquecemos de observar o que nos cerca? Tão rápido que furamos sinais, buzinaamos, atravessamos a rua correndo, esbarramos em pessoas a quem mal tivemos o tempo de reconhecer o olhar? É preciso fazer tantas coisas, querer tantas coisas, obter tantas coisas assim? O que sobra no final, afinal? Se durante a clausura provocada por um mal invisível que, de certa forma, está aí em decorrência de uma série de erros nossos, da humanidade, o que te resta é ter alguém com quem conversar? Nada de carros, roupas, sapatos, viagens, objetos... Nada disso nos serve, afinal. Mas não sou tolo de ignorar o fato de que quem mais tem, menos danos sofre nesse mundo desigual: durante a pandemia, vi milionários em jatinhos particulares sendo enviados a UTI's de grandes hospitais particulares do país e, no mesmo bloco do noticiário, a fila de pessoas doentes esperando por qualquer atendimento. Isso ficou ainda mais claro para mim quando o avô de minha esposa ficou doente. Apesar do medo, nós nunca achamos, de verdade, que isso vai acontecer com a gente. Nós, seres humanos, temos a estranha mania de pensar que podemos ganhar na loteria, mas que é quase impossível que alguma doença fatal, como câncer ou um mal súbito nos acometa. O senhor Geraldo já estava meio gripado há um tempo, mas a coisa começou a piorar em uma sexta-feira. Minha esposa foi consultada sobre o que ela achava de levá-lo ao hospital. Não sabíamos como agir: ir ao hospital e correr o risco de contrair o vírus ou admitirmos que ele já poderia estar infectado e que precisaria de ajuda urgente? Demoramos muito para decidir... Quando o pai de minha esposa levou o seu Geraldo ao hospital, no domingo, já era tarde demais. Ele já estava tão debilitado e teve que esperar tanto pelo leito na UTI que seu pulmão, tão idoso quanto ele, não suportou. Foi uma comoção geral. Minha esposa não pôde nem ao menos sair de casa para ajudar com todos os trâmites, pois estava grávida e sair era arriscado.

A morte é uma coisa maluca: passamos a vida tentando evitar falar dela. Queremos negá-la, extirpá-la de nossas vidas. Mas ela está aí. Sempre esteve e sempre estará. Ao longo das últimas décadas, entregamos os que estão próximos da morte ao cuidado de hospitais, casas de cuidado, asilos... como se, assim, ela deixasse de ser visível, deixasse de ser... real. Antigamente, as pessoas tinham um respeito enorme pela morte, a homenageavam como uma entidade tão importante quanto a vida. Celebravam-na, como se celebram aniversários. Meu filho, foi aí, que tivemos a ideia de fazer algo diferente em homenagem ao seu bisavô: decidimos fazer uma festa. Eu e sua mãe fizemos um bolo e abrimos uma videoconferência com todos da família: juntos, nós celebramos todo o tempo de vida do senhor Geraldo e viramos a noite contando histórias sobre ele. Tivemos risadas salgadas, temperadas pelas lágrimas que, em vários momentos, era impossível segurar, mas foi o que nos deu condição de suportar. Você ia amar conhecê-lo... Na verdade, você vai: por meio de nós. A memória tem essa capacidade maravilhosa de tornar novo o passado a cada experiência vivida no presente. Algumas semanas atrás, escutando uma música no rádio, me lembrei da minha tia avó que a escutava sem parar aos domingos em sua casa, então, a memória logo me transportou para o bolo de fubá que ela sempre fazia e, então, para a vez em que, logo depois de comer uma fatia de um desses bolos, meu dente de leite da frente caiu e de como recebi apelidos irritantes na escola e, então, para me animar, meus pais me levaram a um parque de diversões no fim de semana onde fiz um amigo que é meu amigo até hoje e que, semana passada, me enviou uma caixa de brinquedos que eram de sua filha para você, filho, que está chegando. Está vendo? Nada mais vivo que a memória, então, nada mais vivo que o seu Geraldo nas histórias que vamos te contar...

A convivência não é fácil, filho. Você vai descobrir isso assim que nascer... Eu mesmo estou aprendendo até hoje. Confesso que passar tanto tempo em casa com a sua mãe durante todos esses meses não foi fácil: cada coisinha boba virava uma discussão. Nós desaprendemos a estarmos sempre juntos. Como eu já te falei, a vida, às vezes, é tão corrida, que embrulha tudo: antes da quarentena, eu mal via minha esposa. Eu já tinha o costume de trabalhar de casa e, às vezes, por isso, emendava o trabalho em um terceiro turno e ia até tarde da noite. Sua mãe chegava em casa às sete e já saía, de novo, para ir à academia. Quando voltava, ela comia um sanduíche, eu um pacote de biscoitos e só nos encontrávamos, de verdade, mesmo, na hora de dormir. Sabe o que é mais estranho? Isso nunca tinha sido nem uma questão para nós. Éramos só mais um jovem casal, acelerados e ocupados com seus

respectivos problemas e momentos. Então, de repente, veio o convívio forçado, vinte e quatro horas por dia: brigávamos até pelo quanto de sal colocaríamos no bife do almoço - decisões bobas, mas às quais não estávamos acostumados a tomar juntos. Pensei que não aguentaria e, provavelmente, ela também. A ameaça da separação tornava-se tão possível quanto foi a minha demissão, mas, então, entre bifés muito salgados e outros totalmente sem graça, nos demos espaço. Espaços, na verdade: no plural. Todos nós, não importa o quanto amamos outra pessoa, precisamos de tempo para nós mesmos, de entender o que sobra quando todo o resto se vai: a família, o trabalho, as ambições, os objetos, os amigos. O casamento não é um acordo meio a meio para todas as decisões, gostos e ações do dia: podemos ter nossos espaços e discordâncias indissolúveis. Espaços em que nos encontramos independentemente de qualquer pessoa. E, assim, com o tempo, fomos nos adaptando à overdose de convivência: às vezes, fico sozinho na varanda, enquanto ela assiste aos documentários que ela ama, mas eu detesto. E tudo bem... desde que não deixemos de nos encontrar nos outros momentos, naqueles que importam...

Não pense que foi fácil: na maior parte do tempo foi e continua sendo muito difícil lidar com essa minha mente que, vez ou outra, insiste em me boicotar. Em muito momentos, durante a quarentena, nenhum medo ou ameaça real foi capaz de suavizar meus medos disformes e irreais. Digo irreal, pois não vêm de algo concreto, mas a dor é real. Dói tanto quanto qualquer dor que você ainda vai sentir ao ralar um joelho nas várias brincadeiras e artes que, eu sei, você vai fazer. Mas para te ajudar a entender melhor: pense na dor do joelho ralado, mas sem nenhum machucado visível, nada no qual você pode aplicar um remédio ou fazer um curativo. Às vezes, é assim que eu me sinto: sem ar em um mar de oxigênio, apertado em um estádio de futebol vazio, perseguido sem que haja ninguém por perto. Mas cada passo em frente é tão grande quanto o mundo e saber que você chegará, em breve, me enche de medos reais, mas de alegrias tão reais quanto... me enche de esperança! Esperança, porque sei que você - e quem mais estiver por vir na sua geração - é a nossa redenção. Esperança, pois, apesar dos meus medos de fumaça, impossíveis de se enxergar direito e de pegá-los com as mãos, poderei, eu mesmo, colocar os curativos nos seus joelhos ralados e sei que isso fará toda a diferença para mim e para você...

Durante esse tempo enclausurado, nunca tive tanta vontade de sair na rua. Você vai entender, quando botar seus pequenos olhos no horizonte, o sol batendo na rua, a vida acontecendo a todo vapor, as milhares de possibilidades em cada esquina... Há tempos não

pregava meu olhar no mundo, reservava-o para aqueles momentos raros em que fazia uma trilha, acampava, viajava para algum lugar em que a natureza prevalecia. Aprendemos a rejeitar o cenário em que vivemos, as ruas, os passeios, os bares, restaurantes e lanchonetes, os ônibus, as pessoas andando no centro da cidade, o calor, as conversas sobre o tempo na fila de espera, os encontros! Ah! Os encontros... não nos dávamos conta do quanto os encontros eram múltiplos e importantes: desde a conversa com a senhora na fila do banco a velhos conhecidos no ponto de ônibus. Tantas coisas começam e se transformam, simplesmente porque saímos de casa, porque atravessamos a rua, porque pegamos um ônibus, porque almoçamos no self-service da esquina, porque paramos na sorveteria para comprar um picolé em um dia quente. Quantos amores, quantos amigos, quantos negócios, quantos sonhos e conquistas nascem desses encontros? Acho que tudo o que há no mundo acontece por causa dos encontros...

Mas, ainda assim, você aconteceu! A vida aconteceu e continuou a acontecer por todos os cantos, pois apesar de todos os prantos, sobrevivemos. Sobrevivemos, porque nos reinventamos. E, assim como eu descobri que poderia sobreviver às ameaças do real e do incerto, todos se viram capazes de encontrar saídas para as várias angústias que nos assolaram. O tempo nunca foi tão amigo e inimigo ao mesmo tempo, a ele rogamos e a ele maldizemos, mas, sempre a ele, nos dirigimos: seja para pedir que passasse lento, para dar tempo de descobrirmos a cura antes que mais outra vítima se fosse, seja para pedir que passasse ligeiro, custe o que custasse, para que nos víssemos livres dessa situação tão estranha e ameaçadora que engolia toda a nossa existência.

E assim foi: o tempo passou. Nem rápido, nem devagar: mas certo. E as boas notícias vieram, aos poucos, fazer renascer o sol da esperança. Pouco a pouco, e desconfiados, fomos entendendo que aquilo tudo tinha passado e que a nova vida estava próxima, tão perto que assustava - a mim, pelo menos. De repente, todos aqueles medos disformes voltaram com toda a força: e se eu não estivesse preparado para o novo mundo que viria? E se a engrenagem voltasse a girar tão rápido que eu jamais conseguiria acompanhar? E quanto às festas, a volta às ruas, os encontros com amigos, tudo o que me apavorava tanto? Eu ainda não tinha conseguido fazer a tal videoconferência com o pessoal do grupo das redes sociais. E se tudo isso fosse tão desnorteador que meu instinto de fuga me fizesse me esconder atrás das minhas próprias sombras outra vez? Respirei fundo: tinha que colocar meus medos em seus devidos lugares. Demorou alguns dias para que eu, assim como todos já haviam feito,

arriscasse sair de casa. Eu encarava a janela como quem encara o futuro: o que será de você, meu filho? O que será da terra? O que será de mim? Terei que me acostumar com a angústia, com a dor do desconhecido? A alegria de todos era generalizada: passada a desconfiança, todos se entregavam aos encontros outra vez, as ruas eram amigas novamente e o tempo estava ao nosso favor., mas eu continuei a encarar a janela, a encarar minhas faltas, os medos do que, talvez, nunca aconteceria, os receios de não sobreviver às ciladas da vida, aos imprevistos. Mas o que mais eu podia perder? Meu medo não reconhecia fronteiras, lógica ou raciocínio: voltava a me sufocar como quem nasceu para isso. Eu era mesmo feliz? Serei feliz?

E a vida ia acontecendo fora de mim, longe de mim... Todos viviam recomeços, o mundo vivia uma nova escrita, mas eu tinha medo demais para virar qualquer página e encarar uma história desconhecida. Foi quando encarei essa carta de várias páginas que percebi que o melhor que eu podia oferecer a você e à sua geração era encarar o recomeço do mundo e o meu próprio. Não que os medos me abandonarão de um dia para o outro, mas, em vez de tentar lidar com todos de uma vez, vou encará-los um a um, aos pouquinhos, um dia de cada vez, assim como o mundo inteiro fez: aos poucos, cada parcela do mundo foi voltando ao normal, mas não foi do dia para a noite. E se nem o mundo, tão vasto e grandioso, se recupera tão rápido, por que eu deveria?

Então, abri a porta da rua: encarei o sol forte, respirei o ar da cidade e fechei meus olhos por um instante: não estava pronto, mas estava preparado. Preparado para o recomeço do mundo que era muito mais que isso: era o meu recomeço. E o passo que dei em direção a rua era bem mais que um passo para fora, mas uma maratona inteira de avanços dentro de mim. E ao encarar o mundo e ele me encarar de volta, o medo quase passou distante diante de tantas possibilidades que ambos vimos um no outro. E o novo mundo surgiu, para mim, assim: de dentro pra fora.